

V!RUS13

para tempos difíceis
Boas notícias
Good news
for hard times

ano 2016 year
semestre 2 semester

revista do nomads.usp | nomads.usp journal
issn:2175.974x | CC BY - NC
DOI 10.4237/virus_journal

MAR EGEU, ZONA DE FRONTEIRA: APOIO AUTO-ORGANIZADO PARA REFUGIADOS

Christoph Walther

Como citar esse texto: WALTHER, C. Zona de Fronteira Mar Egeu: Reflexões sobre apoio auto-organizado para refugiados em Chios (Grécia). **V!RUS**, São Carlos, n. 13, 2016. Disponível em: <<http://www.nomads.usp.br/virus/virus13/?sec=5&item=x&lang=pt>>. Acesso em: 00 m. 0000.

Christoph Walther é bacharel em Ciências Ambientais e possui *Master degree* em Desenho Urbano. Tem atuado como voluntário ao redor do mundo, e interessa-se em explorar e mapear espaços que transformem os lugares em uma escala onde o trabalho real crie novas relações entre os seres humanos e o mundo que habitamos.

“Porque eu só preciso de pés livres, de mãos dadas e de olhos bem abertos” (Guimarães Rosa, 1999, p. 137).

Boas notícias para tempos difíceis. Imediatamente conectei-me a essa chamada pois ela ecoou uma experiência que tive no começo do ano. Eu gostaria de compartilhar parte dela em formato de ensaio, abordando a questão do conflito da Europa diante do crescente número de refugiados nos últimos anos, ou, antes, o conflito dessas pessoas com o regime europeu de fronteiras. São pessoas que vivenciam tempos tão difíceis em seus países de origem que decidem partir para outro continente, tendo por perspectiva condições de vida mais humanas. Após uma breve introdução sobre as condições políticas atuais na Europa, o relato do apoio auto-organizado para refugiados em Chios (Grécia), de que trata esse artigo, será contextualizado, apresentado e, finalmente, objeto de reflexão considerando a chamada da V!RUS 13: *boas notícias para tempos difíceis*.

O que se convencionou chamar de *crise dos refugiados na Europa*, refere-se ao fenômeno de aumento sem precedentes do número de refugiados buscando asilo em Estados-membros da União Europeia (UE) em 2015 e no início de 2016. Um milhão de pessoas, das quais a grande maioria cruzou o Mar Mediterrâneo, apenas em 2015 (UNHCR, 2015). A burocracia europeia nunca havia sido preparada para lidar com a situação, em dois aspectos (KERMANI, 2016). Primeiramente, os regimes de proteção de fronteiras mostraram-se temporariamente insuficientes, uma vez que a chamada Rota dos Bálcãs se tornou, para muitos, um trajeto amplamente informal, ainda que extremamente organizado, rumo à Europa Central. Em segundo lugar, uma transição suave para os procedimentos legais de solicitação de asilo nem sempre podia ser assegurada, eventualmente, às vezes com consequências graves para os recém-chegados.

Agora, no final de 2016, enquanto um menor número de refugiados têm encontrado seu caminho para a Europa por causa do reforço na segurança das fronteiras, há pontos de vista políticos conflitantes sobre a questão de como lidar com a *crise dos refugiados* (BAUMAN, 2016). Enquanto uns apelam à solidariedade e a respectiva mudança na política de migração, outros reiteram o nacionalismo e aumento da

seguridade através da promoção do medo e do pânico. Porém, outros sugerem que o pico de 2015 foi simplesmente o começo de ondas ainda maiores de migração a porvir (COLLIER, 2014) – entretanto, há lições a serem aprendidas com a atual *crise dos refugiados*.

Grande parte do fracasso da UE tornou-se evidente nas ilhas gregas do Mar Egeu, perto da Turquia, região-chave da principal rota de refugiados para a Europa no início de 2016. Isso resultou, portanto, na grande cobertura da mídia e no interesse do público. Em 20 de março de 2016, um acordo entre a Turquia e a União Europeia se estabeleceu, o que permitiu à UE enviar recém-chegados de volta diretamente à Turquia, visando desencorajar todas as entradas ilegais na UE (RAT DER EUROPÄISCHEN UNION, 2016). O novo elemento aqui na proteção das fronteiras da UE é o reforço da proteção física da fronteira por um quadro jurídico que depende da colaboração da Turquia como parceiro estratégico que, por sua vez, recebe benefícios financeiros. Depois de algumas interrupções, protestos e caos nas ilhas, a atenção da mídia desapareceu, enquanto muitos refugiados permanecem presos nas ilhas. Retrospectivamente, esse acordo marca uma reorientação da política das fronteiras da UE, e o número das entradas ilegais baixou consideravelmente. A Figura 1 mostra dados do UNHCR que revelam como as chegadas pelo Mar Egeu alcançaram o pico em outubro de 2016, ultrapassando os números do ano anterior até março e tendendo a zero desde abril de 2016. Entretanto, por conta de tensões políticas entre a Turquia e a UE, a situação permanece explosiva e pode mudar a qualquer momento.



Fig. 1: Comparação das chegadas mensais à Grécia via Mar Mediterrâneo. Fonte: Disponível em: <<http://data.unhcr.org/mediterranean/regional.php>>. Acesso em: 18 ago. 2016.

O que eu resumi neste curto parágrafo era difícil prever enquanto eu e meus amigos estávamos trabalhando em Chios, uma das ilhas. Cheguei no início de fevereiro de 2016 e parti no momento em que as negociações entre a UE e a Turquia se tornaram mais concretas, no começo de março. Portanto, durante esse tempo, a Rota dos Balcãs, como mencionado anteriormente, ainda estava aberta, funcionando em linhas

gerais da seguinte maneira:

Pessoas, geralmente de diferentes regiões da Síria, do Iraque, e do Afeganistão, mas também do Irã, do Paquistão, entre outros, iriam até Izmir por todos os meios imagináveis. Em Izmir, nas proximidades da *Basmane Gar*, a principal estação de trem da cidade, um mercado vivo de traficantes de pessoas e de refugiados está prosperando – um lugar em um barco precário está à venda por mais ou menos 1.000 dólares americanos. Esse é um mecanismo excludente que garante uma passagem direta à Europa somente para uma minoria, e que tornou-se claro para mim a partir de uma conversa com um ativista Sírio em Izmir, : ele estava iniciando uma organização para voluntários a dar apoio aos refugiados que *não* podiam pagar a passagem, tendo a gentileza de nos mostrar os lugares-chave na cidade e as instalações do seu projeto. Na verdade, a Turquia recebeu muito mais refugiados que a Europa, por conta da sua posição geográfica vizinha à Síria e ao Iraque, dois principais países produtores de migrantes atualmente. Entretanto, muitos deles não querem ou não podem continuar em rumo à Europa. De qualquer forma, pessoas que chegaram em Chios não poderiam ser mais diversas: por exemplo, falei com dois jovens músicos do Irã que pegaram o avião de Teerã até Izmir, para se encontrar na Europa uma semana depois. Em contraste, uma família de 26 membros do Iraque passou um ano e meio na Turquia para conseguir os recursos financeiros suficientes para prosseguir. Nesse sentido, quando se fala da *crise dos refugiados*, falamos sobre condições sócio-espaciais extremamente diversas em transformação rápida ao longo das rotas de migração. Somado a isso, *o refugiado* não existe como tal, mas sim, como biografias incrivelmente diversas que embarcaram em uma jornada talvez com motivos similares e que são realmente das mais variadas origens.



Fig. 2: Basmane, Izmir. Fonte: Christoph Walther.



Depois do registro obrigatório com as autoridades Gregas em uma das ilhas, os refugiados recebem permissão para comprar uma passagem de balsa até Atenas. A grande maioria das pessoas que encontrei queriam chegar até a Alemanha, e trem e ônibus através dos Estados Balcãs e da Áustria iam completar esta jornada. Existem muitos relatos sobre essa rota e um relatório excelente foi publicado pelo escritor germano-iraniano Navid Kermani (2016), por exemplo. O elemento-chave, legalmente e financeiramente era, e ainda é, a passagem para a UE. A Rota dos Balcãs, com os seus desafios e perigos, deixa óbvio o número de pessoas que querem migrar atualmente. Era possível simplesmente mover-se até chegar na Alemanha ou em outro destino, e as pessoas aceitariam o risco de um barco lotado no mar tempestuoso, pagariam com tudo que possuíam, para simplesmente se mover. Isso nos revela quão difíceis tempos eram (e continuam sendo).

Neste momento, os obstáculos para se mover vão além do que um ser humano pode suportar, enquanto as causas da migração nos respectivos países não foram resolvidas. Assim, pouco antes das coisas começarem a mudar para os mecanismos de controle da fronteira europeia já mencionados, cujas consequências e estabilidade ainda não foram confirmadas e avaliadas, os meus amigos e eu trabalhamos em Chios. A nossa intenção foi apoiar a *People's Street Kitchen (PSK, Cozinha Popular de Rua)*, a maior cozinha auto-organizada na ilha com capacidade de até 1.000 litros de sopa por dia. Isso seria o equivalente a 2.000 refeições quentes para almoço e jantar. Chegamos por meio do convite de um amigo que estava envolvido com a *Cozinha* desde o seu início, em dezembro de 2015. Enquanto estivemos ocupados com o trabalho, pudemos aprender muito sobre a situação, sobre as histórias das pessoas, como compartilhado anteriormente, e o mais importante, enxergar como fazer uma diferença em tempos difíceis.

Esta, realmente, é a notícia boa: Enquanto as agências públicas e as maiores organizações não-governamentais não eram capazes de providenciar alimentos de qualidade para as pessoas que chegavam, esse serviço foi organizado pela iniciativa particular de indivíduos que se associaram livremente ao redor do espaço físico de uma cozinha, com a meta de alimentar os refugiados. Patrocinado por amigos, realizado por voluntários: estabelecendo assim, uma infraestrutura eficaz, contra todos os obstáculos que ocorrem em momentos de mudança inesperada.

V!RUS13

para tempos difíceis
Boas notícias
Good news
for hard times

ano 2016 year | semestre 2 semester
revista do nomads.usp | nomads.usp journal
issn:2175.974x | CC BY - NC
DOI 10.4237/virus_journal



Fig. 3: Servindo sopa fora da van em um dos campos 1. Fonte: Christoph Walther, 2016.



Fig. 4: Servindo sopa fora da van em um dos campos 2. Fonte: Christoph Walther, 2016.



Nossa comunidade livre, mas comprometida, ao redor da *PSK* é um exemplo de como indivíduos se reúnem para fazer uma diferença simples, mas fundamental. Lembro-me de uma noite em que cada vez mais barcos chegavam, mas a sopa já tinha acabado e apesar disso, mais sopa continuava a ser preparada até tarde. Ações desse tipo podem ser tomadas, ou não. Significar uma refeição quente na chegada, ou não, para grandes quantidades de pessoas. Quem, então, pode deixar passar a oportunidade, realmente?

Isso, eu acredito, é a escolha fundamental que os voluntários enfrentaram a cada vez, enquanto fazendo turnos à noite ao longo da costa para salvar barcos, entregar roupa seca, chá quente, etc. Nossa tarefa foi somente um pequeno elemento em uma rede enorme de solidariedade, que somente recebeu reconhecimento pontual na grande mídia, enquanto cumpria um papel importante para fazer a chegada das pessoas na Europa um pouco mais humana, calorosa, e acolhedora. Um coletivo de voluntários auto-organizados da Suíça, unido sob o nome de *Be Aware and Share (BAAS, Esteja Atento e Divida)* até fundou recentemente uma escola na ilha depois que o acordo UE-Turquia entrou em ação, com milhares de refugiados permanecendo na ilha. Somente pela iniciativa de voluntários, os seus filhos podem frequentar uma escola.

É frustrante testemunhar uma situação na qual as autoridades públicas falham a cumprir seu papel. Com certeza, há indivíduos em todas as partes do governo trabalhando duro dentro de suas restrições. Tivemos oficiais da Frontex auxiliando com a sopa, acordos silenciosos com as autoridades locais para poder realizar o nosso trabalho, etc. Ainda assim, não deveria ser nosso trabalho alimentar os refugiados que chegam em campos aos quais eles são obrigados a ir. Há, então, um problema sistêmico que precisa de transformação. Mas antes de tudo, quando essa fragilidade sistêmica se torna visível, ela desafia nossa capacidade de agir, convidar nossos amigos de casa a mostrar seu apoio da maneira que puder, resulta em uma quantidade incrível de humanidade e amor pelo momento. É claro que não foi fácil o tempo todo, houveram lutas e conflitos a serem resolvidos, mas, tudo isso faz parte do ser humano em uma sociedade.

Fui apresentar o nosso trabalho e as minhas experiências para vários públicos depois da nossa viagem em março, abril e maio. Com a distância agora de quase meio ano, eu ganho mais clareza do que eu tirei disso. Compartilhar as histórias e experiências, procurando uma linguagem adequada, formas de expressão, foi tão essencial para mim como a ação em si. Os tempos atuais são extremamente difíceis em algumas partes do mundo e é fácil sentir-se sem poder testemunhando a quantidade de dor. Ignorar isso, pretendendo que tudo esteja bem não é uma solução a longo prazo, acredito.

Como a nossa capacidade humana de agir é sempre comprometida pela nossa capacidade de fala é um dos argumentos-chave que teórica da política Hannah Arendt apresenta na *Condição Humana (1981)*. Isso se dá por conta da natureza política das nossas ações, que sempre são exercidas num contexto social. Para tanto, faço sugestão de não só enxergar a língua como nosso meio de negociação das nossas ações em sociedade, mas, de pensá-la como uma certa capacidade de leitura em relação ao mundo. Deveríamos ter coragem de enxergar, sermos testemunhas dos tempos difíceis, que não podemos negar: isso é a precondição para uma solidariedade verdadeira entre humanos se desenvolver, diz Zygmunt Bauman (2016), refletindo sobre a presente crise humana em relação à renascença de movimentos xenófobos que promovem o pânico e o medo.



Ação, nos termos de Hannah Arendt, é uma das virtudes humanas mais nobres. Se aceitamos este desafio, de sermos testemunhas de tempos difíceis, pode nos relembrar o que significa realmente ser humano. Notícias boas para tempos difíceis, portanto, deveriam indicar possíveis caminhos para se chegar lá: Creio que ação, mesmo com meios simples, possa ser um modo de melhor entender a época em que vivemos. Em outras palavras, ser testemunho da situação em Chios com tanta intimidade foi possível para nós somente porque já estávamos tentando transformá-la em algo melhor. Minha questão que resta é: O que vem depois?

Dados detalhados, tanto visuais quanto estatísticos, sobre o movimento de refugiados nas regiões Mediterrâneas, estão disponíveis em: <<http://data.unhcr.org/mediterranean/regional.php>>.

Referências

ARENDR, H. **Vita Activa oder vom tätigen Leben**. Munique/Berlim: Piper, 1981.

BAUMAN, Z. **Die Angst vor den anderen: Ein Essay über Migration und Panikmache**. Berlin: Suhrkamp, 2016.

COLLIER, P. **Exodus. Warum wir Einwanderung neu regeln müssen**. Munique: Siedler, S. 57, 2014.

KERMANI, N. **Einbruch der Wirklichkeit: Auf dem Flüchtlingstreck durch Europa**. Munique: C.H. Beck, 2016.

RAT DER EUROPÄISCHEN UNION. **Erklärung EU-Türkei**. 18 de março de 2016. [online] Disponível em: <<http://www.consilium.europa.eu/de/press/press-releases/2016/03/18-eu-turkey-statement/>>. Acesso em: 18 ago. 2016.

ROSA, G. **Magma e Gênese da Obra**. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

UNHCR. **A million refugees and migrants flee to Europe in 2015**. 2015. [online] Disponível em: <<http://www.unhcr.org/news/press/2015/12/567918556/million-refugees-migrants-flee-europe-2015.html>>. Acesso em: 31 out. 2016.